



### ROBÔ SELVAGEM



# ROBÔ SELVAGEM

#### ESCRITO E ILUSTRADO POR PETER BROWN

TRADUÇÃO DE MARINA VARGAS



Copyright © 2016 by Peter Brown Publicado mediante acordo com a Little, Brown and Company, Nova York, EUA. Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL The Wild Robot

PREPARAÇÃO Cristiane Pacanowski

REVISÃO Milena Vargas Juliana Werneck

ILUSTRAÇÕES DE CAPA E MIOLO © 2016 by Peter Brown

ARTE DE CAPA
David Caplan e © 2016 Hachette Book Group, Inc.

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B897r

Brown, Peter, 1979-

Robô selvagem / Peter Brown ; ilustração Peter Brown ; Tradução de Marina Vargas. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017. 288 p. : il. ; 21 cm.

Tradução de: The Wild Robot ISBN 978-85-510-0193-6

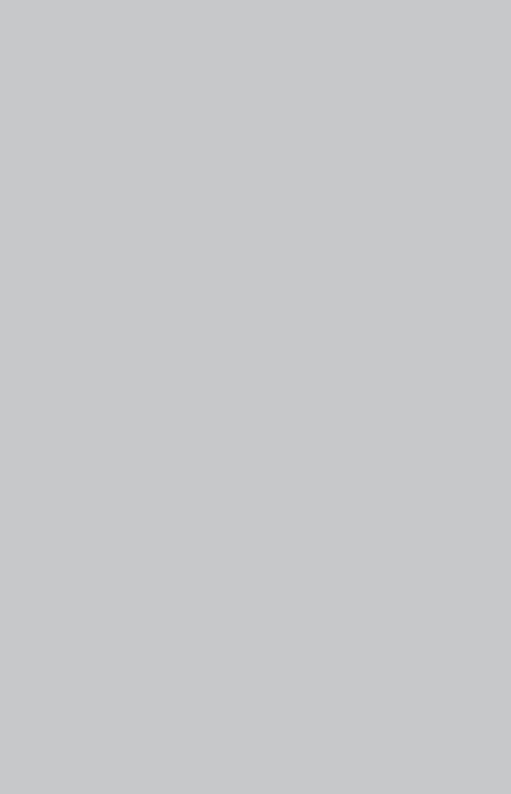
1. Ficção infantojuvenil americana. I. Brown, Peter. II. Vargas, Marina. III. Título.

17-40395 CDD: 028.5 CDU: 87.5

#### [2017]

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar 22451-041 − Gávea
Rio de Janeiro − RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br





## capítulo 1 O OCEANO

Nossa história começa no oceano, com vento, chuva, trovões, raios e ondas. Um tornado rugia e soprava sua fúria na noite. E, no meio desse caos, um navio cargueiro começou a naufragar,

descendo

descendo

descendo

até o fundo do mar.

O naufrágio deixou um monte de caixotes flutuando. Mas quando o furação os açoitou, eles rodopiaram e balançaram e logo também começaram a descer para as profundezas do mar. Um após o outro, foram engolidos pelas ondas até que sobraram apenas cinco.

Quando amanheceu, a tempestade tinha terminado. Não havia mais nuvens, nem navio ou terra à vista. Apenas as

águas tranquilas, o céu claro e aqueles cinco caixotes, flutuando preguiçosamente ao sabor de uma corrente ocasional. Dias se passaram. Um borrão verde apareceu no horizonte. Conforme os caixotes se aproximavam, as formas verdes e indistintas aos poucos foram ganhando os contornos acidentados de uma ilha deserta coberta de rochas.

O primeiro caixote foi empurrado até a praia por uma onda violenta e ruidosa e lançado contra as rochas com tanta força que se espatifou em mil pedaços.

A propósito, leitor, o que eu ainda não mencionei é que dentro de cada caixote havia um robô novinho, cuidadosamente embalado. O navio transportava centenas deles quando foi engolido pela tempestade. Restaram apenas cinco. Na verdade, apenas quatro, porque, quando aquele primeiro caixote bateu nas pedras, o robô que estava lá dentro ficou em pedaços.

O mesmo aconteceu com o caixote seguinte, que atingiu as pedras com força, e peças de robô voaram para todos os lados. Isso se repetiu com o terceiro caixote. E com o quarto. Membros e torsos de robôs eram atirados contra as rochas. Uma cabeça de robô mergulhou com tudo numa piscina natural. Um pé de robô saiu quicando nas ondas.



Até que chegou a vez do último caixote. Lá foi ele seguindo o mesmo caminho dos outros, mas, em vez de se chocar nas pedras, foi jogado contra o que restou dos quatro primeiros. Não demorou para que mais ondas viessem e o atirassem para fora da água. Ele voou, rodopiando e brilhando ao sol, até aterrissar com força no alto de uma rocha. O caixote estava rachado e torto, mas o que havia lá dentro não se quebrou.



